



Eixo: Serviço Social, relações de exploração/opressão de gênero, raça/etnia, sexualidades
Sub-eixo: Relações Patriarcais de gênero e raça

SOMOS A MESMAS E VIVEMOS COMO NOSSAS MÃES: GÊNERO, RAÇA E CLASSE SOCIAL, MÚLTIPLAS DETERMINAÇÕES, DESAFIOS PARA O SERVIÇO SOCIAL

**SILVÂNIA SANTOS GRACIANO¹
ABIGAIL MARINHO DOS SANTOS²
SEBASTIANA INES EGÍDIO NEVES³
MARIA ISABEL DE ASSIS⁴**

Resumo: Os estudos buscam proporcionar apropriação e aprofundamento da temática étnico-racial e gênero para fomentar pesquisas de iniciação científica e TCC's. Objetiva ainda visibilizar a história e trajetória de mulheres, autoras negras, inscritas num processo histórico patriarcal, racista e capitalista, que desqualifica, estigmatiza, inviabiliza suas trajetórias e a identificação de suas carências. Cabe dizer que o caminho estabelecido pelo núcleo, ao ponderar sobre o cotidiano de mulheres negras, evidenciar suas demandas, trajetórias acidentadas, revela suas capacidades intelectuais, ao mesmo tempo em que denunciam a dimensão simbólica da violência patriarcal e racista que teimam em oprimir calando-lhes a fala, impedindo sua mobilidade.

Palavras Chaves: Mulheres Negras. Trajetórias. Narrativas. Racismo e Patriarcado.

Abstract: Studies seek Provide appropriation and deepening of ethnic-racial and gender themes to foster scientific initiation and TCC research. Objective yet visualize the history and trajectory of women, Black Authors, inscribed in a patriarchal, racist and capitalist historical process, which disqualifies, stigmatizes, It makes your trajectories and the identification of your shortcomings impossible. It is to say that the way established by the nucleus, to ponders about the daily life of black women, evidence your demands, rugged trajectories, reveals his intellectual capacities, while denouncing the symbolic dimension of the patriarchal and racist violence that insist in oppressing them by shutting them speech, preventing your mobility.

Keywords: Black women. Trajectories. Narratives. Racism and patriarchy.

INTRODUÇÃO

O presente artigo, desenvolvido por alunas e professora do curso de Serviço Social, integrantes do Núcleo de Estudos e Pesquisa, decorre do conjunto de debates e reflexões sobre a Trajetória e as Narrativas de Mulheres Negras, desenvolvidas pelo núcleo. A partir do livro "Quarto de Despejo, Diário de uma Favelada", que narra sobre

¹ Estudante de Graduação, Faculdade Paulista de Serviço Social. E-mail: <mabel.assis@yahoo.com.br>.

² Estudante de Graduação, Faculdade Paulista de Serviço Social.

³ Estudante de Graduação, Faculdade Paulista de Serviço Social.

⁴ Estudante de Pós-Graduação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

o cotidiano empobrecimento de mulheres negras, através do dia a dia de Carolina Maria de Jesus, mulher negra, chefia de família que mora em uma favela, que sobrevive de catar papelão.

Para tanto, a referência central é a Carolina Maria de Jesus, 1993, que se soma a outras autoras e intelectuais negras que escrevem a partir da primeira pessoa, evocando seu lugar de fala. “O livro da Saúde das Mulheres Negras: Nossos Passos Vem de Longe” e “Mulheres Negras na Primeira Pessoa”, nos quais Jurema Werneck junto com outras intelectuais negras coletam e organizam narrativas de mulheres negras sobre seus desafios cotidianos. Sueli Carneiro, Marielle Franco, Cidinha da Silva e Conceição Evaristo também são referências de leitura para o aprofundamento sobre as mulheres negras.

Os estudos buscam visibilizar autoras negras que estão inscritas num processo histórico patriarcal, racista e capitalista, que desqualifica e estigmatiza os sujeitos foco deste estudo, inviabiliza suas trajetórias e a identificação de suas carências.

Cabe dizer que este estudo inicial, estabelecido pelo núcleo, pondera sobre o cotidiano de mulheres negras, suas demandas evidenciadas por trajetórias acidentadas e revelam suas capacidades intelectuais, ao mesmo tempo em que denunciam uma dimensão simbólica da violência patriarcal e racista que teimam em oprimir calando-lhes a fala.

DESENVOLVIMENTO

O Núcleo de Estudos e Pesquisas Carolina Maria de Jesus, promove encontros com objetivo de proporcionar a apropriação da questão étnica e de gênero, sua interface com a pobreza e o impacto sobre as mulheres negras. Estabelecido como leitura obrigatório, o Livro de Carolina Maria de Jesus, “Quarto de Despejo, Diário de uma Favelada”; lido, estudado e debatido dentro e fora do Brasil, aporta conteúdos acerca da história da própria Carolina, revelando trajetórias de vida comum à muitas mulheres negras.

A referida autora, marco inicial e pano de fundo para as múltiplas análises, nasceu em 14 de março de 1914 na cidade de Sacramento, Minas Gerais. Viveu numa comunidade rural com mãe e padrasto, negros, analfabetos e pobres, sendo alvo de maus-tratos durante toda sua infância. Quando tinha sete anos, sua mãe a matriculou na escola, usufruindo da oportunidade de bolsa de estudos que a patroa desta proporcionara, cursou até o segundo ano primário. Abandonou a escola, mas neste curto espaço ela aprendeu a ler e a escrever, desenvolvendo profundo gosto pela leitura.

É importante fazer algumas ponderações sobre a relação da Carolina com a escola e da patroa de sua mãe ao oferecer a bolsa. A aparente benesse, representada pela bolsa de estudos subliminarmente aponta para algumas reflexões. A patroa da mãe da Carolina, ao fazer isso, obterá desta “gratidão” e, este sentimento enseja diversas formas de retribuição, uma delas é se “deixar” explorar no trabalho. Outro aspecto a ser considerado - tirar uma criança do ambiente doméstico, mantém a atenção total da mãe ao trabalho da casa. Neste sentido, é possível que tenha trabalhado com mais atenção e gratidão.

No que tange a evasão escolar, apesar de não narrado pela autora, o racismo vivido no ambiente escolar, tenciona o processo de aprendizado com experiências traumática, sendo enunciado como fator de baixo rendimento, evasão escolar e sofrimento psíquico. (Cavalleiro, 1998)

Intelectuais que tem se debruçado sobre o racismo no ambiente escolar como Munanga (2005), Rosenberg (2005), Gomes (2005), afirmam que crianças vivem cotidianamente situações de racismo. Cabe destacar que o período que Carolina estudou, as poucas escolas eram destinadas às crianças brancas.

Cavalleiro, (1998, p.135) apud Silva, (1997a. p. 14-5) confirmam estas ponderações sobre o racismo na escola e apresenta fragmento do cotidiano de crianças, onde ocorre a desqualificação da estética da criança negra.

Ao presenciar essas situações, nas quais a obrigação de manter preso o cabelo crespo foi imposto às meninas negras, imaginei como essa ideia estaria sendo assimilada pelas crianças. Entendo que, de alguma maneira, essas experiências poderiam contribuir para a cristalização de uma forma de pensar as características estéticas da

criança negra. Tal hipótese se confirmou dias depois. Queria saber o nome de uma menina e perguntei à Maiara (negra), próxima a mim, o nome da amiga. Ela perguntou: “Qual? Aquela descabelada?” Aproveitando-me dessa fala, perguntei a ela quem mais eram as meninas descabeladas, e ela apontou quatro meninas negras. (CAVALLEIRO, 1998, p.135) A inculcação do estereótipo inferiorizante visa reproduzir a rejeição a si próprio, seu padrão estético, bem como aos seus assemelhados. (...)” (Silva, 1997, p. 14-5)

Descrever estes episódios, vivências que fazem parte da história de meninas, jovens e mulheres negras, auxiliam no entendimento, não apenas como foi construída a sua identidade, mas sobre o sentimento que à acompanhará ao longo de sua vida.

Carolina Maria de Jesus também não escapou do estigma da estética negra, assim como não ficou de fora de outro estigma tão perverso quanto, a vinculação de ser negro a propensão para a criminalidade⁵. Acusadas injustamente de roubar alguns “Contos de Réis” de um padre, foram torturadas para que confessassem fato, Carolina logrou humilhação sofrimento, já sua mãe obteve além do sofrimento psíquico, alguns ossos quebrados. Este episódio de racismo, faz Carolina decidir sair de Minas Gerais, migrou sozinha para a região metropolitana de São Paulo. Em São Paulo trabalhou como empregada doméstica na casa de Euclides de Jesus Zerbini, médico precursor da cirurgia de coração no Brasil, que permitiu a ela ler os livros de sua biblioteca onde ela preferia passar os dias de folga.

Em 1947, aos 33 anos, desempregada e grávida, Carolina instalou-se na extinta favela do Canindé, na zona norte de São Paulo, momento em que surgiam em São Paulo as primeiras favelas, cujo contingente de moradores estava em torno de cinquenta mil. Construiu sua própria casa, usando madeira, lata, papelão e qualquer coisa que pudesse encontrar, todas as noites saía para coletar papel, a fim de conseguir dinheiro para sustentar a família⁶.

Viveu boa parte de sua vida na favela do Canindé, zona norte de São Paulo, sustentou a si mesma e seus três filhos como catadora de papeis. Descoberta em 1958 pelo jornalista Audálio Dantas, que se interessou e leu seus escritos que resultou no seu livro Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada publicado em 1960.

⁵ Ler sobre em Revista SER Social, Brasília, v. 19, n. 41, p. 414-427, jul.-dez./2017. Da escravidão ao trabalho livre: contribuições para o trabalho do assistente social Márcia Campos Eurico.

⁶ Carolina tem seu primeiro filho João José, nascido 1948, José Carlos e Vera Eunice em 1949 e 1953 respectivamente.

Considerada uma das primeiras e mais importantes escritoras negras do Brasil, sua obra foi alvo de diversos estudos, tanto no Brasil quanto no Exterior e, com o dinheiro do livro, ela mudou-se da favela. Saiu do quarto de despejo, e foi para sala de visitas, transição narrada em seu livro, *Casa de Alvenaria*, publicado em 1961⁷.

A obra crítica da Carolina Maria de Jesus, “Quarto de despejo, diário de uma favelada”, narra a vida na favela nos anos de 1950, mostrando o quanto a população que vive nas periferias sofria as ausências de alimentação, saneamento básico, escola próxima, saúde revelando um quadro de violências e violações de direitos essenciais. Carolina denunciava o abandono desta população pelo poder público. Questionava a negação dos direitos, apontava violações de princípios que só se tornariam constitucionais, em 1988 pela chamada de constituição cidadã, que afirmava o direito de todos e todas à saúde, moradia, educação, alimentação, etc.

Trata-se de condições mínimas para uma vida com dignidade, pressupostos para o mínimo existencial que, segundo Silva (2010), corresponde as garantias de direitos fundamentais e são inerentes ao ser humano. Referem-se as necessidades básicas e as condições mínimas de existência, os quais não realizam para a maioria da população que sobrevive nas favelas. (SILVA, 2010. p. 467)

Apesar falar nos de 1960 – 1970, a autora faz denúncias que correspondem às favelas e as periferias nos dias atuais, território ocupado pela população empobrecida e palco da ausência de políticas públicas ou de políticas paliativas, que por seu caráter eventual não atende o conjunto das demandas desta população. Neste sentido as reflexões de Carolina sobre sua habitação precária afirmando que representava sua vida, “negra e pobre” são bastante atuais. As precárias condições de vida narradas por ela, contextualiza-se hoje, pois segundo o último Censo do IBGE de 2010, cerca de 1,28 milhões de pessoas ainda moram em favelas na cidade de São Paulo. Um terço desta população se originou de outros estados e o IPEA apresenta este quadro de desigualdades.

Ao tomar o conjunto de domicílios em assentamentos subnormais, observa-se que esta proporção se encontra estável no período considerado (em torno de 4%, o que corresponde a, aproximadamente, 2 milhões de domicílios). Destes, apenas 33,9% possuem chefia branca, e por volta de 66% apresentam chefia negra. Os dados mostram ainda que, enquanto o percentual de domicílios em assentamentos subnormais vem diminuindo para os chefes

⁷ Título da segunda obra de Carolina Maria de Jesus escrita no ano de 1961- *Casa Alvenaria*.

brancos, vem aumentando em especial para aqueles que apresentam chefia de mulheres negras (aumento de 11 pontos percentuais desde 1995). (Retrato das Desigualdades IPEA, 2011)

A realidade da população da periferia revela uma face cruel da sociedade brasileira, a medida que são apontados como pessoas sem caráter, preguiçosas e sujas, ou seja, marginais. Tal imaginário tem origem no período colonial, escravocrata - representam o conjunto de arquétipos e estigmas que foram atribuídos a população negra que tentavam fugir da escravidão, recusavam-se a este tipo de exploração. Fora das senzalas e presa às favelas e periferias, a realidade é a mesma. (EURICO, 2018)

O cenário social de pobreza revelado por Carolina, denuncia a ausência do Estado na oferta de políticas públicas. E é nesta esteira que a resistência, os movimentos sociais e as formas de enfrentamentos são forjadas. A rejeição as diversas formas de subalternização protagonizadas por mulheres negras se repetem nos diversos períodos históricos.

Ao resistir ao sistema mulheres e homens cativos, buscavam conquistar a liberdade, resistir era uma maneira de contestar uma ralação de poder dos escravistas, por isso agiam de acordo com suas lógicas, tornando todo tipo de resistência numa forma de produzir liberdade e em suas experiências, revelam-se suas particularidades, pois as experiências vividas pelas mulheres escravizadas são as mais diversas possíveis e nesse aspecto a resistência possuía características bem particulares. Vale ressaltar que a sociedade escravista do século XIX foi palco de lutas, resistências e de interesses escusos. Lugar onde submissão e obediência camuflavam estratégias de resistências que garantiam a sobrevivência de mulheres e homens negros. As experiências vividas pelas mulheres escravizadas são as mais diversas possíveis e nesse aspecto a resistência possuía características bem particulares. (Cadernos Imbondeiro. João Pessoa, v.1, n.1, 2010)

Abordar a trajetória de mulheres negras no Brasil, requer pontuar aspectos de sua trajetória histórica, buscando evidenciar não apenas as violências que permearam o período escravocrata, mas trazer a baía a capacidade feminina negra de enfrentamento, resistência, liderança e de reinventar a vida, trabalho, os ritos e as tradições.

Os estudos sobre mulheres negras, desenvolvidos por mulheres negras enquanto sujeitos históricos e intelectuais, representam um grande desafio, à medida

em que tais leituras extrapolam aos livros cânones, sendo produzidos fora da academia, são tratadas como literatura marginal. Referimo-nos a produções que discorrem sobre o patriarcado articulado ao racismo, mas não são lidas, tão pouco divulgadas, pois a ciência teima em não reconhecer enquanto produção do conhecimento refletido e crítico. Trata-se busca pelo lugar de sujeito, a recusa à subordinação, à herança escravocrata, ao reconhecimento da teoria escrita na primeira por mulheres que se recusam a ser objeto de pesquisa, passam a sujeitos de pesquisa e pesquisadoras.

Por isso ao analisarmos alguns estudos sobre a escravidão, sobretudo aqueles que se referem ou estão indiretamente relacionados com manifestações de mulheres negras em relação ao sistema escravista, preferencialmente os que dizem respeito à resistência ou a maneira de conquistar a liberdade, pretende-se destacar a condição particular e específica dessas mulheres, buscando recuperar na interconexão entre escravismo e patriarcado, as estratégias de resistência e as maneiras como a mulher escravizada procurava a liberdade, ou a liberta procurava ascender socialmente. Além disso, é necessário fazer uma tentativa de se apreender, com o máximo rigor possível, as ambiguidades que atravessam a experiência das mulheres negras, escravas ou libertas, num quadro social que as oprimia, partindo da análise de que as mulheres negras participavam da sociedade escravista tanto na condição de escrava quanto de liberta e livre com demandas específicas e maneiras próprias, dada sua condição naquele quadro social. (Cadernos Imbondeiro, João Pessoa, v.1, n.1, 2010)

A construção intelectual das mulheres negras, desmonta as bases que foram estruturadas escravização das mulheres negras. Vão revelar que elas compunham a base da economia nacional, sem, contudo, angariar qualquer remuneração. Portanto cabia a elas, apesar das restrições e impedimentos, criar condições e oportunidades de liberdade. O fato de transitar entre a casa grande, a senzala, a plantação, os centros comerciais e as minas de ouro, para realizarem seus trabalhos, garantiam para determinadas mulheres negras a possibilidades de articulação e liderança.

Porém, nem só de tiranias e submissão era composto o cotidiano das mulheres escravizadas, vamos encontrá-las também movimentando-se em seus espaços sociais, negociando, exigindo seus direitos e construindo suas redes de solidariedades, pois os contatos sociais e a circularidade de informações geralmente eram organizados em torno de seus pequenos negócios, os quais chamavam a atenção das posturas que voltavam-se contra os mesmos por suas características clandestinas (as vezes) e que segundo (SILVA DIAS, 1984, p. 114) “Muitas dessas medidas repressivas focalizavam, em especial, os movimentos das mulheres escravas, em função do papel importante que desempenhavam na vida comunitária dos escravos.”

Carneiro (2002) ao discorrer sobre as mulheres negras, remonta aspectos das vivências de Carolina Maria de Jesus e de tantas outras, destacando os investimentos realizados por estas visando alcançar patamares mais elevados na escala social e do trabalho, processo que confere às mulheres negras o estereótipo de fortes e capazes de suportar o trabalho pesado. Uma mulher negra, desde muito cedo precisa desenvolver sua “autonomia”, liderança, cuidado e sustento da família, pois o desemprego e os baixos salários, herança escravocrata são mais incidentes sobre a população negra. (EURICO, 2018)

Carneiro (2002) aponta, o quanto estereótipos atribuídos às mulheres negras vão configurando como naturais, definindo papéis, lugares e trabalhos subalternizados, de menor prestígio e baixa remuneração, os quais ao longo da história são identificados como naturalmente de negras, É importante falarmos do quanto Carneiro (2002) em seu artigo sobre gênero e raça afirma que as mulheres negras se articulavam e se articulam fazendo mudanças, transformando a sua própria condição na sociedade.

A ruptura com este lugar de subalternidade se desenha lentamente, contrariando as perspectivas, as mulheres vêm colocando em cheque o poder patriarcal, com forte atuação marcada pelos movimentos feministas, movimentos de mulheres e movimento de mulheres negras. É importante destacar que estes movimentos se articulam desde muito tempo. A articulação das Mulheres Negras por meio da sua inserção nos movimentos, enegreceram o Movimento feminista Clássico inserindo a temática étnico-racial, e, no que tange ao Movimento Negro, inserem a temática de Gênero. (CARNEIRO, 2002)

Estamos falando de mulheres negras, cujas trajetórias foram invisibilizada, silenciando aquelas que teimam em não se curvar e não se detêm diante dos desafios. Portanto, evidenciar é mostrar para o conjunto das mulheres e para a sociedade de forma geral, que a construção de uma sociedade menos desigual passa pela luta das mulheres negras, sejam elas anônimas ou reconhecidas, históricas ou contemporâneas. O fato é que, a história de Carolina Maria de Jesus se intercrusa com as de outras tantas de mulheres negras, cujas trajetórias são marcadas pelo racismo e patriarcado, resultando num caminho árduo, acidentado, de resistência e enfrentamentos.

Estabelecer este debate no âmbito do Serviço Social, introduzindo elementos importantes para a formação profissional, contribui para a apreensão dos sujeitos SUAS-dependente, público majoritário da assistência social. Nesta esteira, partimos do entendimento que a mulher negra precisa ser apreendida nas suas múltiplas determinações. É necessário compreender que suas demandas se fundem às questões de classe que faz sombra sobre o viés escravocrata e patriarcal, mistifica e invisibiliza estes aspectos, que precisam ser decodificados para a superação da condição vulnerabilidade e empobrecimento.

Neste sentido, o Núcleo de Estudos e Pesquisa do Serviço Social, propõem reflexões e debates sobre estas ideologias, desmontando o tripé do capitalismo, Racismo e Patriarcado. Alude sobre a relação do trabalho escravizado e o trabalho doméstico, ainda fundamentado nas bases da “fundação do Brasil” (Chauí, 2007) e a ideologia dominante (IANNI, 2004).

Elencar nomes de mulheres negras que, tiveram papel importante na história do Brasil, que, ergueram-se contra as opressões impostas ao longo da história da presença negra no Brasil é emblemático, na medida são recorrentemente invisibilizada. Portanto, no sentido de visibilizar apresentamos mulheres lideranças que fizeram a diferença como: Tereza de Benguela, Maria Firmina, Aquotirene, Aqualtune, Dandara, Luiza Mahim, Lélia Gonzalez Mulheres como Luiza Mahim, Matilde Ribeiro, Luiza Bairros, Rute de Sousa, Benedita da Silva, Sueli Carneiro, Marielle Franco, Djamila Ribeiro, dentre outras.

As alunas/autoras deste texto, num ato de afirmação das suas identidades, compartilham suas histórias, revelando o quanto se entrecruzam com as histórias de tantas Carolinas, evidenciam trajetórias permeadas por vulnerabilidades ditadas pelo racismo e patriarcado.

Conceição Evaristo⁸ chama de “escrevivências”, as escritas na primeira pessoa. As mulheres, deixam de ser apenas sujeitos pesquisados e passam a ocupar também o lugar de sujeito de pesquisa escrevem suas “histórias Carolinas” conforme narrativas abaixo.

⁸ Conceição Evaristo, Poetisa, escritora e Literata em Palestra Magna na FLPIP/2018 – Feira Literária de Paratí. Conceito utilizado pela Escritora Literária, o qual define os escritos, textos e artigos desenvolvidos na primeira pessoa.

1. “Temos muitas Carolina na vida periférica no Brasil, assim como minha mãe. Nascida no interior de São Paulo, em 30 de agosto de 1911. Filha de uma ex- escravizada, que nascera na “lei do ventre livre”⁹. Trabalhou na roça, na colheita de café quando jovem. Não aprendeu a ler e nem escrever, pois naquela época não tinham escola para ser frequentada pelas crianças negras, apenas brancas podiam serem alfabetizadas. Com a revolução industrial, quem trabalhava no campo migrou para a zona urbana, território onde estava sendo construídas as indústrias. Buscando ter uma vida melhor vieram para São Paulo, ela, o marido e os dois filhos que nasceram em Mogi Mirim, vieram trabalhar nas indústrias. Mas a vida na zona urbana continuava precária, seu marido adoeceu, teve derrame cerebral cuja sequela paralisou parcialmente o braço esquerdo, assim como a perna esquerda, ele puxava de uma perna e foi aposentado por invalidez. Naquela época o bairro não tinha nada, hoje é de “elite”, Vila Pompéia. Naquela época, haviam casas feitas de madeiras e bem precárias. Minha mãe foi morar lá com a família já aumentando para mais duas filhas. Como não havia acesso aos métodos conceptivos, nasciam crianças a cada dois anos. Havia enchentes constantes e perdia-se tudo, minha mãe arrumou um emprego nas Indústrias Francisco Matarazzo, onde a indústria levava o nome do Conde Francisco Matarazzo. Ela trabalhava na sacaria e na seção de sabão, levava nos braços todos os dias para o berçário da fábrica a criança(eu), lutou e conseguiu comprar um terreno no bairro de Vila Penteado, zona norte da capital, o bairro era novo e haviam poucos moradores, matos e árvores por todos os lados, construiu uma casa de madeira no terreno(barracão), pois já estava grávida aos 47 anos de idade da minha irmã caçula, quando ela nasceu, não tinha quase nada para vestir e se alimentar, mas graça ao leite materno ela sobrevivia. Minhas irmãs mais velhas trabalhavam de doméstica e nem continuaram seus estudos, por que tinham de ajudar na renda familiar, meu pai depois que inválido ficou depressivo, se entregou às bebidas, meus irmãos também desenvolveram o vício do álcool ficavam brigando, era um verdadeiro inferno. Crescemos neste ambiente familiar. Todas fomos para escola, mas só eu e minha irmã caçula que conseguimos um diploma acadêmico. Quando minha mãe foi internada, vítima de um AVC¹⁰, ficou na UTI¹¹ e antes de dar o último suspiro, falou para as filhas, “vocês são todas guerreiras”. Faleceu em 13/08/1993. Seu legado foi a resistência, honestidade, humildade e dignidade, o qual devemos passar para nossos filhos e netos. Nós negras(os) temos que ser o melhor em tudo, a vida é cheia de obstáculos, mas temos que levantar a bandeira da vitória.”

2. História - Essa e a história de Maria que migrou da Cidade de Campina Grande - Estado da Paraíba para o Estado de São Paulo em 1969. Ainda bem jovem chega na Capital de São Paulo com seu marido e duas filhas pequenas na busca de melhores condições de sobrevivência. Só não esperava que tão logo seu marido a deixaria com duas filhas pequenas. Morando de aluguel e desempregada vê sua situação cada vez mais pior. Com ajuda de vizinhas consegue trabalho em uma fábrica de laticínios no bairro do Jabaquara, mesmo assim continuava a precariedade pela ausência das condições mais básicas, o alimento. A fome passou ser sua maior inimiga, a fábrica fornecia lanche para as funcionárias(os) que ao invés de comer guardava e levava para casa como alimento para as filhas. Maria conhece seu novo companheiro, feliz em recomeçar a vida matrimonial novamente, só não esperava que esta felicidade duraria tão pouco. Entregue ao alcoolismo, seu “companheiro”, meu pai, deixa de ser o provedor da casa para ser um dependente álcool. Agressivo e sem nenhum trabalho, qualquer dinheiro que conseguia era para sustentar o vício. Nesta altura Maria já era mãe de sete filhos na qual eu era a quarta, a luta era diária para sustentar os filhos. Com muita dificuldade consegue comprar um barraco na favela no bairro de Carapicuíba, que com as chuvas intensas, alagava pela enchente.

¹⁰ AVC – Acidente Vascular Cerebral, patologia com maior incidência na população negra.

¹¹ UTI – Unidade de Tratamento Intensivo.

Víamos as enchentes levar embora o que conseguíamos com o trabalho. Sempre trabalhando como empregada doméstica, logo ensina o ofício para as filhas mulheres que também começaram a trabalhar bem cedo no mesmo, inclusive eu. Foram anos de lutas e resistências contra um sistema escravocrata que permeava onde quer que íamos trabalhar.

O trabalho sempre foi prioridade deixando para traz sonhos e esperanças que eu acreditava que seriam conquistados pelo estudo. Por mais que minha mãe se esforçasse em nos manter na escola era difícil permanecer, pois, com trabalho longe condução demorada dificultava chegar na escola a tempo, assim desistíamos de estudar. Poucos de nos concluiu o ensino médio só eu e a minha irmã caçula porque acreditávamos que com o estudo nossa condição de vida mudaria. As demais irmãs desistiram por conta das dificuldades e tiveram filhos muito cedo. Hoje estou fazendo curso superior (Serviço Social) concluindo assim os meus sonhos e projetos, de forma a passar adiante minha experiência para minhas filhas e tantas outras como eu e tantas Carolinas que ainda se encontram na invisibilidade.

3. História - Carolina me remete a minha história e da minha mãe, mulher negra analfabeta e vinda do interior, instalou-se na zona norte de São Paulo, e diferentemente da autora Carolina Maria de Jesus, casou-se com meu pai, oriundo do nordeste, união esta, impostas por uma sociedade patriarcal, a qual não dava chances de exercer outro papel se não de mãe e mulher submissa. Eu, sendo a sexta filha dentre os oito filhos desta união, em minhas lembranças que remetem a infância sacrificada, na qual não havia alimentação diversificada, ou seja, tínhamos o básico. Assim como as vestimentas eram usadas, passadas do maior para a menor. Fartura sim, de criatividade nas brincadeiras, de resto era tudo muito precário e dividido entre as irmãs e o irmão. Morávamos em casa própria de alvenaria, mas isto não nos diferenciava das crianças pobres e negras da periferia, tivemos acesso ao ensino fundamental, no entanto ao completar doze anos, meus pais nos obrigavam a ir buscar trabalho, dizendo que precisávamos de autonomia, mas na verdade ele justificava que poucos salários não eram suficientes para o sustento de tantas bocas. Sendo assim, desisti de estudar quando concluí o ensino fundamental aos dezoito anos. Em minha trajetória adulta, sofri muito racismo de formas veladas e diretas. Sofri também assédios sexuais, provenientes da ideia de que a mulher negra é de fácil acesso, da mesma forma que no imaginário de homens brancos somos fogosas e as melhores amantes. Ainda permeia nessa sociedade racista discriminadora o pensamento que a mulher negra é para o trabalho e a branca para o casamento. Não falar dos eventos de minha infância, não representa que não os experienciei, apenas apaguei. Uma experiência que tive e expressa uma face do racismo, o institucional aconteceu quando aos 25 anos de idade, com 5 meses de gestação, sofri um aborto espontâneo. Ao procurar a emergência do hospital São José, dirigido por religiosas, fui acusada de ter provocado o aborto e, por isso, me deixaram dois dias com dores, sangramento até o feto sair e ser amparado com minhas próprias mãos. Apaguei e acordei dois dias depois. Hoje, ao escrever este artigo, dialogando com minha professora, compreendi que fui vítima de racismo, pois a minha condição de mulher negra, me colocava na condição de ser maltratada.

Após trinta anos distante, retomei os meus estudos e percebo o quão racista e cruel é a nossa sociedade, a mesma sociedade dos anos de 1960 quando Carolina, na sua trajetória de fome e resistência lutava por seu ideal de uma vida melhor.

A narrativa das alunas amplia o campo do debate e da abordagem a ser estabelecida no âmbito do serviço social. Dizem respeito a importância deste debate para o fortalecimento da identidade étnico-racial, atenção para mudança do perfil das(os) profissionais que vem se revelando majoritariamente negro, e o

quanto são necessário tais conhecimento no sentido de realizar a mediação profissional.

CONCLUSÃO

No âmbito do Serviço Social a discussão sobre a Atuação Profissional e a Assistência Social ainda são incipiente quando o tema correlaciona a população negra e feminina. Trata-se um momento bastante oportuno para rediscutir e desconstruir conceitos que vinculam a pobreza somente ao processo de estruturação do capital, negando aspectos relevantes e decisivos relacionados às dimensões de ser mulher, negro(a) ou ambos.

O quadro que buscamos desenhar não expressa a realidade, principalmente sobre as mulheres negras na contemporaneidade, mas provocar as e aos assistentes sociais a questionar a incidência da pobreza, desemprego ou emprego informal. Questionar a super-representação das mulheres nos trabalhos de menor prestígio em especial no trabalho doméstico.

É nesta perspectiva que o Núcleo se realiza, para fomentar estudos e pesquisas que indague sobre a situação da mulher e da população negra, quais seus dilemas, principais demandas, como o serviço social está se apropriando da temática, bem como a assistência social, questionando em qual medida as ações desenvolvidas alcançam os segmentos menos favorecidos.

As breves indagações que realizamos adotaram como princípios do Código de Ética Profissional do Assistente Social, de 1993 no Capítulo - II dos Princípios Fundamentais no parágrafo 11o, que determina - "Exercício do Serviço Social sem ser discriminado, nem discriminar, por questões de inserção de classe social, gênero, etnia, religião, nacionalidade, opção sexual, idade e condição física, elemento norteador e unificador da prática profissional, que reafirma o compromisso da categoria profissional com a classe trabalhadora".

Posto isto, é válido ressaltar o quanto é importante o debate de gênero, étnico-racial na formação profissional, com vistas à contribuição para a emancipação dos grupos historicamente excluídos de forma a assegurar o exercício dos seus direitos. Assim pretende-se apontar para a academia a necessidade da realização de discussões mais substanciais sobre as questões de raça e gênero no bojo das relações sociais. Compartilha-se a ideia de que uma nova postura teórico-

metodológica conivente com os princípios do código de ética profissional só será contemplada com a inclusão de conteúdos, modalidades, oficinas, **núcleos**, temáticos e/ou disciplinas que dê elementos para análise de forma mais profunda e ampla, com o objetivo de uma formação profissional competente e compromissada, visto que o processo de construção de uma “nova sociedade” remete a questões em que está intrínseca a relação capital X trabalho, atravessada pelas determinações étnico-raciais e gênero, como fator de exclusão.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, R.L.C. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e centralidade do mundo do trabalho. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1998.

_____. **Os sentidos do trabalho.** Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 4. ed. São Paulo: Bontempo, 2001.

CAVALHEIRO, Eliane dos Santos. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar:** Racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. Programa de Pós-Graduação, Universidade de São Paulo Faculdade de Educação, São Paulo, 1998.

CARNEIRO, Sueli. Gênero e Raça. In: BRUSCCHINI, Cristina; UNBEHAUM, Sandra G. (Orgs.). **Gênero, democracia e sociedade brasileira.** São Paulo: FCC: Ed. 34, 2002.

GRESS-SP. CONSELHO REGIONAL DE SERVIÇO SOCIAL DO ESTADO DE SÃO PAULO, 9ª Região. **Legislação Brasileira para o Serviço Social.** São Paulo: O Conselho, 2007.

DIALLO, M.N.S. **“Mulheres negras universitárias: trajetórias difíceis em busca de sua cidadania”**, Trabalho de Conclusão de Curso, Faculdade de Ciências Sociais da PUC-SP, São Paulo, 1995.

EURICO, Márcia Campos. Da escravidão ao trabalho livre: contribuições para o trabalho do assistente social. **Revista Ser Social**, Brasília, v. 19, n. 41, p. 414-427, jul./dez.2017/2018.

FULVIA, Rosenberg. **Desigualdades de raça e gênero no sistema educacional brasileiro.** Trabalho apresentado no Seminário Internacional “Ações afirmativas nas políticas educacionais brasileiras: o contexto pós-Durban”. Brasília, 20 a 22 setembro 2005.

JESUS, Maria Carlina. **Quarto de Despejo:** Diário de uma favelada. Editora Ática S.A. São Paulo, 1993.

LOPES, Véra Neusa. Racismo, preconceito e discriminação, Procedimentos didático-pedagógicos e a conquista de novos comportamentos

MARTINELLI, M. L. Os métodos na pesquisa. A pesquisa qualitativa. **Temporalis**, Brasília: Revista da Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social –

ABEPSS/Pesquisa e conhecimento em Serviço Social, Ed. Universitária da UFPE, Recife, ano 5, n. 9, jan./jun. 2005.

MUNANGA, Kabengele. Org. Superando o Racismo na escola. 2. ed. rev. [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

IAMAMOTO, M.V.; CARVALHO, R. **A formação profissional na contemporaneidade**: dilemas e perspectivas. Texto base da conferência da Semana Social na U.F. Paraíba - Abril de 1994, Rio de Janeiro, maio, 1995.

TRIVINOS, A. N. S. **Introdução a Pesquisa em Ciências Sociais**: A Pesquisa Qualitativa em Educação. São Paulo: Atlas, 1995.

RETRATO das desigualdades de gênero e raça. 4. ed. - Brasília: Ipea, 2011. 39 p. il.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero Patriarcado e Violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. (coleção Brasil Urgente) .

SOIHET, Rachel. Formas de Violência e Relações de Gênero e Feminismo. Gênero: **Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero** – NUTEG, v.2, n. 2, EdUFF, 2000. p. 7-24. (Debate sobre gênero numa perspectiva histórica feminista)

YASBEK, M. C. “Políticas Sociais e Assistenciais: Estratégias Contraditórias de Gestão Estatal da Pobreza das Classes Subalternas”. In: CLASSES Subalternas e Assistência Social. São Paulo: Cortez, 1993, p. 13-49.